

Destruidores da Amazônia driblam até satélite

'Desmatamento ecológico', que não produz fogo, deve elevar ainda mais a já alarmante taxa de desmatamento

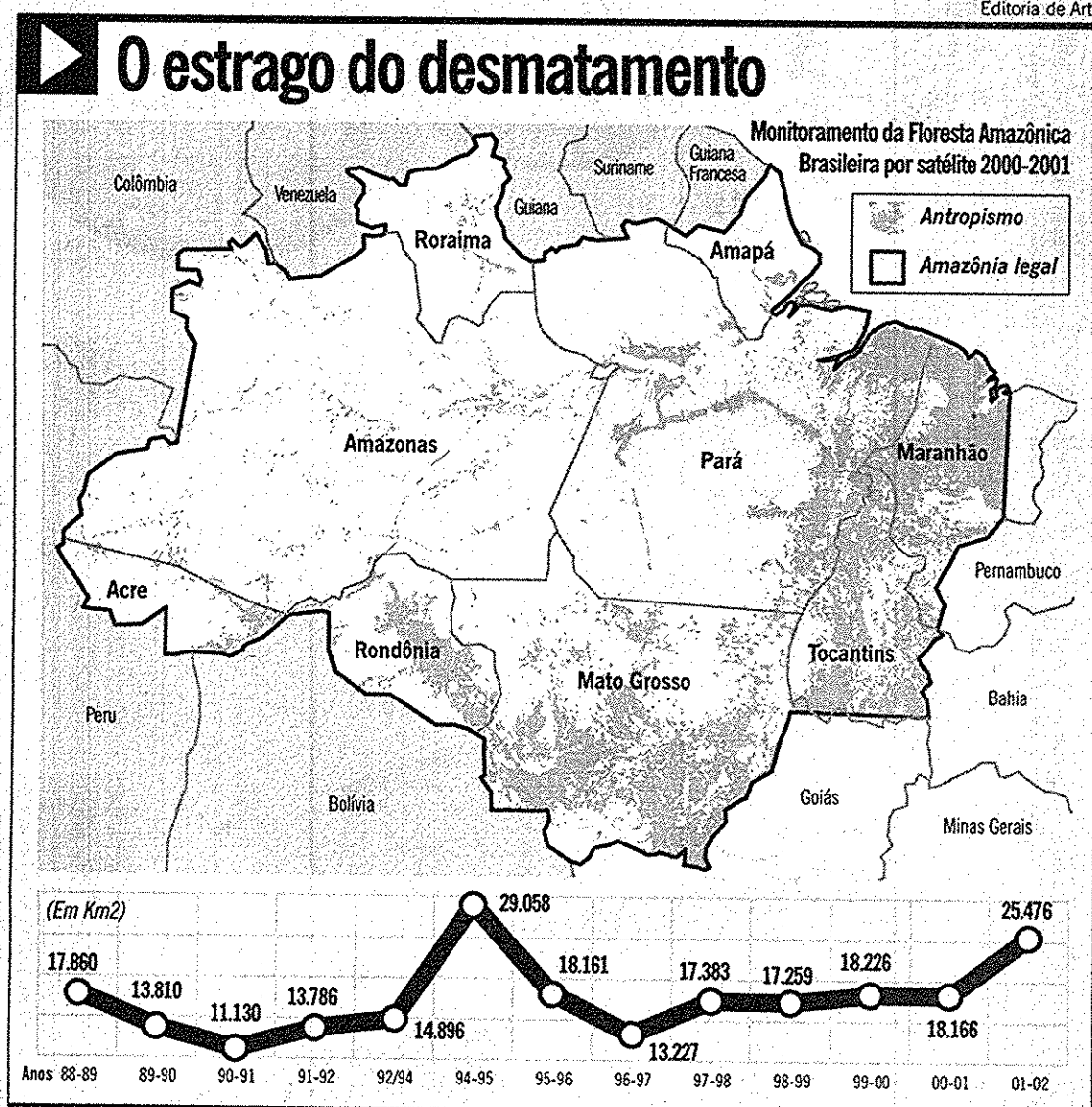
Chico Otavio

• Projeto desenvolvido por sete institutos federais de pesquisa demonstrou que pecuaristas e grileiros da Amazônia adotam técnicas de derrubada de florestas que burlam a vigilância dos satélites. Eles usam tratores com esteiras, não removem as árvores derrubadas e esperam um ano até plantar sementes de capim. Como a técnica não produz fogo, está sendo chamada de "desmatamento ecológico".

Os responsáveis pela pesquisa, denominada Projeto Geoma, suspeitam que esta destruição disfarçada pode elevar ainda mais a já alarmante taxa de desmatamento. Estimativas do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe), baseadas apenas em imagens de satélite, mostram que a Amazônia perdeu 25.476 quilômetros quadrados de matas de agosto de 2001 a agosto de 2002. O desmatamento foi 40% maior do que no período 2001/2002. Se essa projeção se confirmar, será o maior registrado desde 1995.

Soja incentiva mais derrubadas

• O Projeto Geoma é uma rede de pesquisa ambiental da Amazônia que envolve desde 2001 sete institutos do Ministério da Ciência e Tecnologia, entre os quais o museu paraense Emílio Goeldi. Os pesquisadores sustentam que a evolução do desmatamento continua associada à abertura de campos de pastagem, mas cresce a relação da derrubada de florestas com a expansão da soja, cujo retorno financeiro já estaria compensando o investimento da derrubada da floresta, mesmo em tempos de recessão econômica.



As áreas mais atingidas pelo "desmatamento ecológico" ficam na região da Terra do Meio, área de oito milhões de hectares no Pará, entre os rios Tapajós e Xingu. Entre as cidades com mais focos estão São Félix do Xingu, Tucumã e Redenção. A coordenadora de pesquisa do Museu Emílio Goeldi, Ima Vieira, explica que os tratores de esteira vão entrando na mata a partir da borda e arrebentando as árvores. No segundo ano, plantam capim, jogam a semente e transformam em pastagem. Só no terceiro ano, a área é "enxergada" pelo satélite, mas aparece como

desmatamento em área produtiva (o que não é considerado destruição da mata primária).

— Como não vê a queima e nem a fumaça, o satélite só descobre a área muito tempo depois, já como pastagem — lamenta Ima Vieira, que defende a proibição de novas licenças em áreas de vegetação primária.

O avanço do desmatamento na Amazônia, que em 2002 atingiu taxas só superadas pelos números de 1995 (ano em que ocorreu o maior desmatamento registrado no país), jogou por terra uma tese sustentada há uma década pelo mo-

vimento ambiental: de que a derrubada das florestas é mais intensa nos períodos de crescimento econômico, quando há dinheiro circulando.

Mas a recessão do ano passado não evitou que o desmatamento atingisse patamares elevados. Os especialistas, na busca de explicações, apontam dois motivos: a campanha eleitoral (os órgãos de fiscalização teriam paralisado as atividades, esperando o próximo governo) e a soja, que tornou as terras amazônicas mais rentáveis para a agricultura do que para a pecuária.

Para os técnicos da organização não-governamental Instituto de Pesquisa Ambiental da Amazônia (Ipam), essa combinação de fatores econômicos e políticos serve de alerta para os que apostam apenas na reação dos órgãos ambientais. O problema é mais complexo e exige soluções de mais de um ministério. A soja está se fortalecendo em Mato Grosso porque é um valorizado produto de exportação enquanto a pecuária perdeu a força no exterior por causa do mal da vaca louca.

— Se os ministérios da Reforma Agrária e da Agricultura não entrarem nesse programa da exploração sustentável desta floresta e recuperação das áreas já devastadas, o Ministério do Meio Ambiente pouco poderá fazer — alerta a bióloga Cláudia Ramos.

Historicamente, afirma o coordenador de Pesquisa do Ipam, Paulo Moutinho, o desmatamento sempre ocorria pelo mesmo motivo, a conversão da floresta em pastos, mas o quadro mudou:

— O investimento, no passado e ainda hoje, era em pastagens. Mas surgiram novos fatores. A soja se estabeleceu em pastagens abandonadas. Sempre foi caro derrubar florestas. Em termos econômicos, é possível que esteja sendo vantagem derrubar a mata para plantar.

Os pesquisadores não descartam, contudo, a influência do fator político na taxa de desmatamento. Para eles, até o elogiado sistema de licenciamento de propriedades rurais criado pelo governo de Mato Grosso foi afetado pelo processo. Com o uso de satélites (as imagens eram cruzadas com as autorizações para desmatar), o programa conseguiu reduzir as taxas no estado em 2001. Mas a geógrafa Ané Alencar afirma que os resultados

em 2002 deixaram a desejar:

— O sistema, no primeiro ano, foi bem conduzido. Bons resultados na redução do desmatamento. No ano passado, contudo, houve pressão dos pecuaristas contra esta ele. Alegaram que estava retardando o programa de expansão da soja. Nessa euforia pré-eleição, isso influencia.

Essa pressão teria se somado à incerteza das instituições públicas de fiscalização sobre o futuro governo e ao comportamento do próprio produtor. Os grandes pecuaristas resolveram se antecipar ao possível cancelamento das licenças de derrubada da mata.

Desmatamento não é uniforme

• O desmatamento na Amazônia não é uniforme. Está concentrado numa faixa que se estende pelo sul da região, desde o Maranhão até Rondônia. Essa faixa, denominada de Arco do Desmatamento, inclui Tocantins, Maranhão, Pará, Mato Grosso e Rondônia. A extensão total é de 1,6 milhão, entre florestas e cerrados. No setor amazônico do arco, 38% já tinham sido desmatados em 2000, mas possivelmente este valor é maior atualmente.

Como está começando o período de queimadas (julho e agosto), o governo precisa agir rápido para que a taxa não se repita. A ministra Marina Silva bate insistentemente na tecla da transversalidade — ou seja, na necessidade de que as questões ambientais sejam incorporadas ao planejamento dos demais ministérios. ■

► NO GLOBO ON LINE:

Áudio: especialista diz que reforma agrária provoca desmatamento
www.oglobo.com.br